

Festival de Locarno presta tributo a Alfonso Quáron

PÁGINA 5



Dennis Lehane expõe entranhas do racismo

PÁGINA 7



Mostra 'Luzes da Coreia' bate recorde de MAC

PÁGINA 8



2º CADERNO

'A música é minha vida. A música é força'

Branco Mello, dos Titãs, grava música da banda com coral de pacientes oncológicos e vídeo emociona web

Por Luis Eduardo Souza (Folhapress)

Uma experiência única, maravilhosa. A música é minha vida. A música é força", disse o baixista Branco Mello, em vídeo, após participar de uma gravação da canção "É Preciso Saber Viver", dos Titãs, (banda em que toca desde 1982) com o "Coral Sua Voz", composto por pacientes que perderam a voz em função de câncer de laringe ou boca. A gravação do projeto, protagonizado no A.C. Camargo Cancer Center, foi publicada no canal do Youtube do hospital paulistano e comoveu pacientes que fazem tratamento na unidade, além de outros seguidores. No vídeo é possível ver Branco e os integrantes do coral percorrendo alas do hospital cantando para os pacientes que estavam nos quartos.

No Instagram, um trecho do vídeo publicado conjuntamente entre os perfis de Branco e do hospital superou 30 mil reações e 7 mil compartilhamentos.

O coral é composto por pacientes que, uma vez acometidos pela patologia, fizeram cirurgia na unidade, resultando em significativa perda da voz.

O mesmo sucedeu a Branco no fim

do ano passado. O artista, que tratava um câncer na laringe desde 2018, teve que ser operado em outubro do ano passado para remover também um tumor na língua. Os tratamentos afetaram suas cordas vocais prejudicando sua voz. Além de tocar baixo, Branco segue cantando nos Titãs. Sua participação nos shows da turnê Encontro, que reuniu a formação original do grupo, foi de



É preciso ter cuidado pra mais tarde não sofrer.

Trecho do vídeo de Branco Mello cantando com os pacientes. Ele voltou a cantar após ter as cordas vocais afetadas após cirurgia

grande emoção para banda e público.

"Tanto o paciente que fez a cirurgia de laringe quanto a de boca, eles têm limitações vocais. Então a música é escolhida de acordo com as possibilidades, obviamente, deles, mas ele permite um treinamento da melodia, das pausas respiratórias", sendo um grande agregado do ponto de vista técnico, explicou a fonoaudióloga e criadora do coral "Sua Voz", Elisabete Carrara.

"Além do poder da música, das emoções, de poder cantar em grupo", continuou Carrara.

Na publicação, pacientes relataram que a atividade do coral é uma aliada na recuperação da autoestima pós-cirurgia.

"A música do coral tem sido muito confortante para mim. Eu passei por um período de depressão e vir para o coral me anima", relatou Christiane de Brito Marques, paciente do hospital e uma das integrantes do grupo.

"Mesmo que haja uma sequela, é possível ser feliz, cantar, voltar à vida", complementou Carrara.

"Emocionante, incrível e mágico! Esse coral é muito especial", comentou uma usuária à publicação no Youtube, onde o vídeo já tem quase 9 mil visualizações em três dias.

A unidade indicou na publicação que se trata de um primeiro episódio realizado, que precede novas publicações.

Flores para o Comendador do Samba

Noca da Portela é reverenciado em coletânea que reúne interpretações de Zeca Pagodinho, Diogo Nogueira, Jorge Aragão, Xande de Pilares, Velha Guarda da Portela e outros bambas

Por **Affonso Nunes**

O nome artístico diz que é da Portela, mas ele é do Tuiuti, do Cacique de Ramos, do Barbas, do Simpatia é Quase Amor... Osvaldo Alves Pereira, o Noca, aos 91 anos recebe flores em vida em belo projeto capitaneado pela Universal Music Brasil no qual bambas de todas as matizes da aquarela do samba batem ponto na homenagem ao compositor de quase 500 músicas gravadas entre marchas, sambas-enredos, sambas de bloco, sambas de terreiro.

Com direção artística e musical de Ciraninho e arranjos e codireção musical de Rafael Prates, o álbum se chama “Flores em Vida Vol. 1: Noca da Portela”, título assumidamente inspirado na canção de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito que diz assim: “Por isso é que eu penso assim / Se alguém quiser fazer por mim / Que faça agora / Me dê as flores em vida / O carinho, a mão amiga / Para aliviar meus ais / Depois, que eu me chamar saudade / Não preciso de vaidade / Quero preces e nada mais”.

Noca da Portela é o maior baluarte vivo e um dos maiores campeões de sambas enredos da história da Portela. Foi gravado por diversos nomes da MPB, de Jackson do Pandeiro a Maria Bethânia, passando é claro por praticamente todas as grandes vozes do samba.

Politicado - foi por décadas

militante do partido Comunista Brasileiro -, Noca soube fazer arte com crítica social falando a linguagem da gente mais simples. Um exemplo desse engajamento está em “Virada”, samba de versos fortes e de mobilização (“O que adianta eu trabalhar demais / se o que eu ganho é pouco / se cada dia eu vou mais pra trás, / nessa vida levando soco, / e quem tem muito tá querendo mais, / e quem não tem tá no sufoco, / vamos lá rapaziada, / tá na hora da virada vamos dar o troco”), gravado por Beth Carvalho e integrada ao movimento das Diretas Já. Foi com o dinheiro dos direitos autorais desse samba que Noca conseguiu comprar a casa onde vive até no bairro do Engenho de Dentro.

“É muito gratificante receber reconhecimento de mais de anos de samba. É uma coisa divina. Sou um cara do povo”, afirmou Noca, em entrevista recente à revista Carta Capital.

O repertório do álbum composto por clássicos do velho bamba, hoje com 91 anos, e trabalhos mais recentes. São ao todo 14 faixas, cada uma delas trazendo um feat de intérpretes de peso, critério fiel à genialidade deste sambista que chegou à ala dos compositores da azul e branco de Oswaldo Cruz em meados dos anos 1960.

O álbum abre com “Celular”, interpretada por Diogo Nogueira. Depois vêm em sequência: “É Preciso Muito Amor”, com Zeca Pagodinho; “Malas Prontas”, com

Péricles; “Mil Réis”, com Jorge Aragão; “Caciqueando”, com Dudu Nobre; “Portela Querida”, com a Velha Guarda da Portela; “Venda-val da Vida”, com Fundo de Quintal; “Otimismo”, com Ciraninho; “Opção”, com Xande de Pilares; “Festa no Arraiá”, com Mariene de Castro; “Vidas Negras Importam”, com Neguinho da Beija Flor; “Ilumina”, com Roberta Sá; “Peregrino”, com Renata Jambeiro; e “Alegría Continua”, com Noca Neto.

Noca Neto é o nome artístico de Diogão Pereira, que o acompanha há cerca de 10 anos. “Ele é meu herdeiro”, avisa o orgulhoso avô, que já tem parcerias com o neto.

O projeto contempla, além do álbum, um audiovisual com participações especiais em todas as 14 faixas. Outro conteúdo será o documentário sobre o artista, sua trajetória e os bastidores do projeto.

A terceira e última etapa, será um livro/E-Book com uma narrativa lúdica e

histórica sobre as composições das 14 faixas do álbum. A ideia é entreter o leitor com um livro de fácil leitura, com ilustração ou fotos associadas aos temas de cada título das canções, além disso as partituras escritas dos arranjos utilizados nos fonogramas do projeto.

Mineiro que chegou pequeno ao Rio e passou por inúmeros percalços antes de vencer na vida com sua música, Noca tornou-se o primeiro sambista a ser secretário estadual de Cultura e até receber a



Comenda da Ordem do Rio Branco, a maior condecoração concedida pelo Itamaraty.

Depois de viver em cabeças de porco ou barracos de zinco – perdeu tudo nas enchentes de 1966 que devastaram sua casa no Tuiuti e muitos outros por toda a cidade -, trabalhou duro como feirante e soube conciliar suas responsabilidades como marido e pai com a típica boemia no meio do samba.

Filho de um militante comunista, Noca da Portela herdou apenas duas coisas do pai: um violão e um quadro com a foice e o martelo. “Meu pai trabalhava na Lloyd, passava muito tempo longe de casa,

mas tocava e compunha alguns sambas. Mas nunca quis que eu seguisse por esse caminho. Ele sabia que não tinha jeito e me tornei seu herdeiro na música e militância”, conta Noca. No leito de morte, seu Ernesto Domingos de Araújo também foi presenteado pelo filho. Noca cantou-lhe um samba declarando amor ao Flamengo. Um pequeno gesto de carinho do filho tricolor, que nunca seguiu o conselho do pai para ser rubro-negro. “É uma coisa que fiz só pra ele, nunca gravei. Mas depois vi que na mesma métrica em que escrevi Flamengo, com três sílabas, cabia tricolor, sem qualquer prejuízo à melodia”, diverte-se.

Avareza que atravessa fronteiras

Texto de clássico de Molière é transposto para a realidade brasileira contemporânea em 'Mão de Vaca'

Nada como um clássico do teatro universal (bem) reinventado. Assim é o espetáculo "Mão de Vaca", uma idealização de Daniel Passi com adaptação dramaturgical de Leandro Soares, baseada na comédia "O Avaro" (1668), de Molière, que propõe uma celebração crítica do teatro clássico europeu para explorar os vícios da sociedade brasileira do presente.

O elenco é encabeçado por Gustavo Damasceno e conta com os atores-dançarinos Ayla Gabriela, Balbino de Paula, Estela Silva, Gaba Cerqueda, Katerina Amsler e Leandro Soares.

Para Soares, o dramaturgo francês tem o poder de conectar-se com públicos variados: "A obra de Molière consegue atravessar os séculos se mantendo atual porque se debruça sobre arquétipos da condição humana que são invariáveis, universais e capazes de serem contemporâneos a qualquer época", observa.

A encenação destaca-se pela força e irreverência, colocando em evidência o intenso trabalho físico dos atores, resultado de uma pesquisa contínua desenvolvida por Daniel ao longo de três anos na Inglaterra. "Mão de Vaca" é um manifesto cênico capaz de divertir, desafiar e provocar o pú-

Harpagão é um viúvo de classe média obcecado por sua conta bancária



blico, estimulando uma reflexão profunda sobre a condição humana em meio às transformações sociais contemporâneas.

A narrativa combina humor e crítica social, explorando o embate entre corpo, texto e a dinâmica das relações humanas, promovendo uma fusão de estilos artísticos modernos e tradicionais para criar uma experiência teatral única.

Para Daniel Passi, a adaptação

para o contexto nacional é uma ação essencial a ser feita por todo artista teatral Latino-Americano. "A nossa escolha em reinventar Molière no Brasil do século XXI é um gesto de nos colocarmos de igual para igual com o cânone europeu, tão presente na formação oferecida nas escolas teatrais nacionais. Sem excessiva reverência, buscamos na obra tudo o que acreditamos ser essencial no teatro: um retrato

agridoce do ser humano com todas suas contradições, defeitos e belezas", afirma o diretor.

SERVIÇO

MÃO DE VACA

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon) Até 28/7, sexta e sábado (20h) e domingo (19h) | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

A um passo da cegueira

Espectáculo multilinguagem itinerante é baseado nas vivências da atriz Lais Lage

Pensando a acessibilidade de maneira global, o solo "Ato I: ensaio sobre uma atriz que está ficando cega", com atuação de Lais Lage, é uma performance sensorial e itinerante, inspirada nas vivências da atriz enquanto uma pessoa negra, periférica e PCD (baixa visão nos dois olhos).

Com direção de Wallace Lino e Bruma Machado, o projeto estreia nesta quinta-feira (25) no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto.

Serão apenas quatro apresentações até domingo, todas gratuitas. A dramaturgia coletiva foi criada pela própria atriz em parceria com Wallace e Bruma durante o processo de criação.

O espetáculo itinerante ocupa todos os ambientes do Sérgio Porto. O ponto de partida o estacionamento, onde o público é recebido por Lais que conta curiosidades do seu lugar de origem, o bairro de Santa Cruz, na Zona Oeste. Ainda



Rodrigo Menezes/Divulgação

do lado de fora do centro cultural, explica que foi diagnosticada aos 12 anos com uma condição chamada ceratocone, doença que aponta para a possibilidade de cegueira em seu estado avançado.

Em seguida, a atriz conduz o público por uma espécie de câmara com uma luz tão forte, que mal se pode ver. Em seguida, a cena se passa no espaço "a cegueira branca", com lentes e objetos pendurados

que podem ser tocados. No decorrer do percurso, as cenas vão revelando memórias, afetos da artista.

"Nunca tive a possibilidade de tratar sobre a questão deficiência, até mesmo porque eu não me entendia como uma pessoa com deficiência, acho que isso é uma coisa muito tardia também. Eu fui me autodenominar PCD por volta de 2020. Então, ainda é um lugar sobre o qual eu não me debrucei completamente", conta Lais, hoje com 26 anos.

SERVIÇO

ATO I: ENSAIO SOBRE UMA ATRIZ QUE ESTÁ FICANDO CEGA

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163) | Até 28/7, quinta e sexta (20h) | sábado e domingo (16h) | Grátis

Longa retrata a ultrajante realidade de abusos sexuais na Ilha de Marajó



O Festival de Veneza de cinema selecionou, para sua 81ª edição, o filme brasileiro “Manas”, da cineasta Marianna Brennand. O longa vai concorrer na mostra competitiva Giornate degli Autori, chamada também de Venice Days, que busca novos talentos do cinema. O festival ocorre entre os dias 28 de agosto e 7 de setembro.

“Manas” acompanha a história de Marcielle, uma menina de 13 anos que vive em uma casa de palafitas às margens do rio com seus pais e três irmãos. Ela é uma adolescente que luta para salvar a si mesma e sua irmã mais nova do abuso sexual de seu pai e da exploração nas balsas numa comunidade que fecha os olhos para esses crimes.

A protagonista é interpretada por Jamilli Correa. Dira Paes e Rômulo Braga também estão no elenco.

Mariana Brennand decidiu fazer o filme quando soube que crianças vinham sofrendo abuso sexual em balsas do rio Tajapuru, na Ilha do Marajó. A princípio, ela pensou em rodar um documentário sobre o tema, mas concluiu que não desejaria expor as mulheres da região a se abrirem sobre um tema tão delicado.

Incluindo títulos em competição e fora de competição, 25 produções foram selecionadas para a Giornate degli Autori deste ano. Destas, 16 foram dirigidas por mulheres. Outro destaque da seleção é “Alma do Deserto”, coprodução entre Brasil e Colômbia que foi escolhida para uma das sessões especiais da Giornate. Dirigido pela colombiana Mônica Taboada-Tapia, o longa acompanha a jornada de Georgina, uma mulher trans da etnia Wayúu, que após ter sua casa incendiada por vizinhos que não aceitavam sua presença, perde seus documentos e enfrenta um árduo caminho para obter uma nova



Jamilli Correa e Dira Paes em cena de ‘Manas’, representante do Brasil na mostra Giornate degli Autori

Festival de Veneza seleciona ‘Manas’, de Marianna Brennand



Co-produção Brasil-Colômbia, ‘Alma do Deserto’, de Monica Taboada-Tapia, também foi selecionado para a mostra

identidade. A história revela sua luta por reconhecimento e direitos fundamentais, incluindo o direito de votar.

A direção do festival anunciou a atriz

e diretora Bárbara Paz como membro do júri do prêmio Luigi De Laurentiis. O troféu busca, nas mostras competitivas da programação, o melhor longa de estreia

de um diretor. “Muito feliz de mais uma vez fazer parte dessa história”, comemorou Bárbara em sua página no Instagram. Ela venceu, no mesmo festival em 2019, o prêmio de melhor documentário da mostra Venice Classics com “Babenco, Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer: Parou”.

O júri do Prêmio Luigi di Laurentiis ainda é composto pelo escritor e diretor americano Ricky D’Ambrose, a atriz e diretora canadense Taylor Russel e o curador de festivais Jacob Wong. O crítico de cinema italiano Gianni Canova será como presidente.

O festival também anunciou a composição do júri da mostra Horizonte, que premia filmes que capturam novas tendências e estéticas. A presidente será a produtora e diretora Debra Granik, que estará acompanhada de Ali Asgari, Souzade Kaadan, Christos Nikou, Tuva Novotny, Gábor Reisz e Valia Santella.

Leopardo de Honra para Cuarón

Divulgação Netflix



Ganhador de três Oscars, 'Roma', do mexicano Alfonso Cuarón, faz parte da grade da Netflix



Homenagem ao cineasta mexicano prestada pelo Festival de Locarno amplia o interesse por 'Roma', que lhe rendeu o Oscar e o Leão de Ouro de Veneza

Divulgação MUBI

Por **Rodrigo Fonseca**

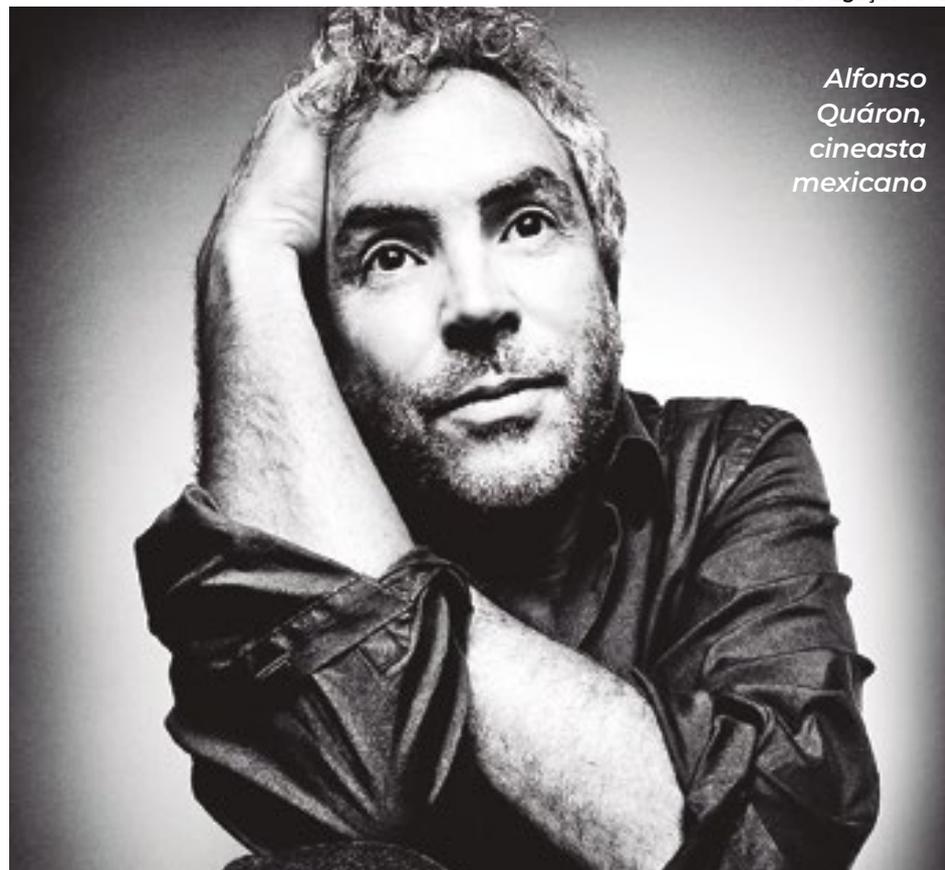
Especial para o Correio da Manhã

Envolverido na produção de "Jane", com Charlize Theron, Alfonso Cuarón tem um compromisso agendado com a consagração no 77º Festival de Locarno (7 a 17 de agosto), onde será coroado com o prêmio honorário pelo conjunto de sua obra como cineasta. Aos 62 anos, o diretor faz parte de um triunvirato de realizadores mexicanos coroados com dois Oscars, que inclui Guillermo Del Toro e Alejandro González Iñárritu.

Com a escolha de seu nome para integrar o rol de homenageados do evento suíço deste ano – que vai premiar ainda a atriz francesa Irène Jacob e a realizadora neozelandesa Jane Campion -, Cuarón vê a corrida por seus filmes crescer na streaminguesfera, com destaque para "Roma", que lhe valeu o Leão de Ouro em 2018.

Coroado com os Oscars de Melhor Direção, Fotografia e Filme Internacional, o drama está na grade da Netflix e chegou a ser chamado de obra-prima pela "Vanity Fair".

Fotografada (em P&B), montada, escrita, produzida e dirigida pelo oscarizado realizador de "Gravidade" (2013), com



Alfonso Cuarón, cineasta mexicano

base em suas memórias juvenis, este drama sobre a atomização de uma família de classe média, no México dos anos 1970, correu

algum dos maiores festivais de cinema do mundo, como os de Toronto, San Sebastián, Londres e Marrakech, totalizando 251 pré-

mios conquistados em distintos territórios.

"É importante que a existência de um filme não se perca com o tempo. Quando foi que vocês viram um filme de Robert Bresson ou de Yasujiro Ozu numa sala de cinema pela última vez? E quando foi que viram um filme de um mestre do porte deles em outro suporte, doméstico?", questionou Cuarón em sua passagem por Veneza, já garantindo que "Roma" seria exibido em salas comerciais e não só na Netflix. "É importante avaliarmos bem o destino dado a cada filme, a partir de suas especificidades. Este é um filme em preto & branco, falado em espanhol, calcado no drama e sem ferramentas de cinema de gênero. Que espaço será que ele teria em circuito? O importante dessa questão é defender que haja opções de como os filmes sejam vistos, de acordo com o tamanho deles".

Embora andem grafando seu título por aí em minúsculo, "Roma" saiu, originalmente, como "ROMA": o uso de letras maiúsculas é uma brincadeira com a palavra "amor", virado às avessas pelas cacetadas da vida. Em seu novo e confessionalíssimo trabalho, Cuarón revive a crise familiar de uma química, Sofia (Marina de Tavira), cuja paz vai entrar em xeque em meio a viradas em sua rotina afetiva e em seu país. Tudo é narrado sob a ótica de sua empregada, uma jovem ameríndia, Cleo (Yalitza Aparicio).

"Eu tive uma babá índia que marcou a minha infância e este filme é uma recordação do que vivi com ela", disse Cuarón, que viu seu trabalho ser comparado a "Amarcord" (1973), de Fellini, por sua dimensão memorialística. Antes de "Roma", o diretor chamou a atenção com títulos como "Grandes Esperanças" (1998), "E Sua Mãe Também" (2001), "Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban" (2004) e "Filhos da Esperança" (2006).

No site oficial de Locarno, o curador do festival suíço, Giona A. Nazzaro escreveu: "Alfonso Cuarón é um autor visionário de imaginários ágeis e liberados. Combinando um espírito experimental com a abrangência de grandes escritores populares, ele conseguiu capturar a imaginação e os corações de milhões de espectadores, transmitindo a mesma maravilha que ele mesmo experimentou quando criança e adolescente, aproveitando o brilho do cinema mexicano clássico. Dos romances de amadurecimento à ficção científica, do melodrama às grandes sagas como 'Harry Potter', Alfonso Cuarón se reinventou como artista a cada novo filme, sempre a serviço do prazer do cinema, e assim criou uma obra verdadeiramente multifacetada."

‘O importante é continuar criando’

Com contrato com a Globo chegando ao fim, Jayme Monjardim quer emplacar novela rejeitada pela Globo em outra emissora

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

Fora da Globo após 26 anos de contrato fixo, que será finalizado ao fim deste mês, o diretor Jayme Monjardim vai apresentar o projeto da novela “Romaria”, que foi rejeitado pela emissora, para outras empresas de comunicação.

A partir de agosto, Monjardim tocará sua produtora pessoal, batizada de Putz, e vai apresentar projetos de dramaturgia ao mercado. “O importante é continuar criando”, afirma.

Um desses projetos é a novela, que estava em tentativa de



Reprodução Instagram

Jayme Monjardim diz que a trama de ‘Romaria’ vai abordar aspectos da religiosidade do povo brasileiro

ser produzida pela Globo desde 2023. No ano passado, Monjardim chegou a viajar para ajudar nas pesquisas de texto e ter mais informações sobre a devoção de

católicos em romarias. Um roteirista para o projeto nunca foi definido.

A história gira em torno de uma família desfeita por brigas

e tragédias. De forma surpreendente, os sete irmãos que fazem parte dela acabam se encontrando muitos anos depois, durante uma romaria no interior do Bra-

Confirmado: ‘Vale Tudo’ vem aí

Globo oficializa o remake da novela de 1988 e apresenta a autora e o diretor da obra, que estreia em 2026

Por Pedro Martins (Folhapress)

Após meses de especulação, o diretor da TV Globo e dos Estúdios Globo, Amauri Soares, confirmou à reportagem que está trabalhando em um remake de “Vale Tudo”, um dos marcos da teledramaturgia brasileira, escrita por Gilberto Braga com Aguinal-

do Silva e exibida de 1988 a 1989.

A nova versão da novela não tem uma data de estreia definida, mas vai ao ar após o fim de “Mania de Você”, folhetim de João Emanuel Carneiro que substituiu “Renascer” a partir do dia 9 de setembro. Ela fará parte da comemoração dos 60 anos da emissora. Segundo Soares, os testes



Reprodução

A Globo não confirma de quem será o papel da vilã Odete Roitman, vivida por Beatriz Segall na trama original

de elenco já estão acontecendo nos Estúdios Globo, no Projac. Ele diz que a direção já escolheu

quem interpretará a protagonista, Odete Roitman, e por isso não fará testes para o papel, que per-

sil. Após a reunião, eles precisam lidar com as consequências de tanto tempo afastados.

O diretor está investindo na ideia desde 2021, após lançar a série “Passaporte para Liberdade”, parceria da Globo com a Sony Pictures.

Não é a primeira vez que Monjardim tenta emplacar uma ideia pessoal como novela. Em 1991, a partir de um argumento seu, a extinta Rede Manchete (1983-1999) montou “A História de Ana Raio e Zé Trovão”, um dos maiores sucessos da emissora, protagonizada por Ingra Lyberato e Almir Sater.

O desejo de Monjardim é que o projeto tenha exibição em TV aberta, em parceria com uma empresa de streaming, se for possível. Tudo vai depender das possibilidades que vão se abrir daqui para frente.

Diretor de grandes sucessos da Globo como “Roque Santeiro” (1985), “O Clone” (2001), “América” (2005) e a minissérie “A Casa das Sete Mulheres” (2003), Monjardim declarou em entrevista à Veja São Paulo que a não renovação de seu vínculo com a emissora foi consensual. “A decisão foi de ambas as partes”.

tenceu a Beatriz Segall na versão original.

O executivo, no entanto, não quis revelar o nome da atriz escolhida porque ainda está em fase de negociação e o contrato não foi assinado.

O roteiro do remake está a cargo de Manuela Dias, que estreou como autora principal em “Amor de Mãe”, exibida de 2019 a 2021, depois de colaborar com os autores de “Cordel Encantado” e “Joia Rara”. Dias também escreveu “Justiça”, uma série do Globoplay indicada ao Emmy Internacional.

A direção artística será de Paulo Silvestrini, que começou a carreira na Globo com “Malhação”, em 1997, e trabalhou em obras como “Avenida Brasil”, ao lado de Amora Mautner. Seu último projeto na emissora foi “Vai na Fé”, exibida no ano passado.

CRÍTICA / LIVRO / GOLPE DE MISERICÓRDIA

Roser Ninot/Divulgação

Por Ana Luisa Lellis (Folhapress)

No verão escaldante de 1974, Boston está dividida por protestos violentos contra um decreto governamental que obriga a redistribuição e o transporte de alunos entre bairros de maioria branca e de maioria negra, na tentativa de integrar as escolas e promover a igualdade educacional. O thriller “Golpe de Misericórdia”, de Dennis Lehane, se passa em meio à resistência brutal contra o fim da segregação.

Assim como outros descendentes de irlandeses brancos, Mary Pat Fennesy é uma orgulhosa moradora de Southie, bairro majoritariamente habitado pela classe trabalhadora. Mesmo com dois empregos, não consegue manter as contas da casa em dia. Ela sobrevive com sua filha adolescente, Jules, entre latas de cerveja e bitucas de cigarros no conjunto habitacional Commonwealth, onde sempre morou.

Viúva do primeiro marido, divorciada do segundo e tendo perdido o filho mais velho por overdose, a filha é tudo que lhe resta. Até que uma tarde, Jules vai para uma festa e não volta.

Na mesma noite um jovem negro, Augustus Williamson, é encontrado morto nos trilhos do metrô em circunstâncias suspeitas na “parte branca da cidade”. As tensões raciais e o silêncio da comunidade deixam evidente que os casos estão relacionados.

Movida a raiva e vingança, Mary Pat se torna uma pária quando começa a atrapalhar os negócios de Marty Butler, poderoso chefe da máfia irlandesa que controla a região. A protagonista não questionava nenhuma das tradições de Southie até o desaparecimento de sua filha. Agora excluída pelo grupo, ela passa a ouvir mais atentamente a uma “outra voz” interior que reproduz o racismo enraizado na comunidade.

Mary Pat insiste consigo mesma que não há preconceito, apenas a luta de classes alimentada por quem tem poder. “Gente pobre falando merda sobre gente pobre. Não tem nada a ver com raça. Eles querem que fiquemos brigando uns com os outros feito cães por qualquer resto de comida para que a gente não perceba que estão fugindo com o banquete.”

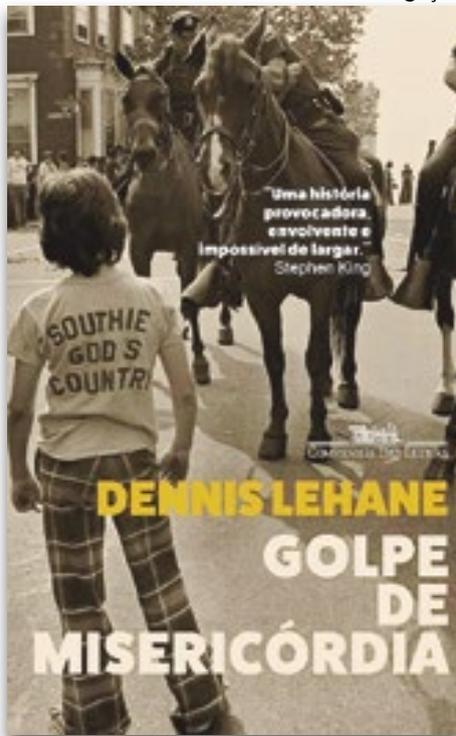
Em uma entrevista de 2009, Lehane comenta que desde pequeno acreditava



Dennis Lehane expõe em ‘Golpe de Misericórdia’ como o racismo é transmitido de geração em geração

Nas entranhas da mente racista

Divulgação



que toda luta racial era uma luta de classe. Mary Pat parece espelhar essa crença racista.

Mas o autor deixa evidente a consciência do preconceito por trás desse discurso quando a protagonista debate com um juiz imaginário o próprio racismo - ele expõe a hipocrisia que existe na diferença entre o que a protagonista acredita que pensa e o que ela não consegue admitir para si mesma que pensa.

É um livro corajoso na sinceridade com que retrata a mente preconceituosa - o racismo que não se anuncia como crença, mas que está lá enraizado e é transmitido de geração em geração.

Há apenas um exagero de violência gráfica tratada de forma banal e caricata, como um filme de ação pouco crível. No entanto, a notícia de que a Apple TV+ está desenvolvendo uma série dramática

baseada no livro é promissora.

Lehane é um roteirista experiente com histórico de sucesso de bilheteria - seus livros deram origem a filmes como “Ilha do Medo”, de Martin Scorsese, e “Sobre Meninos e Lobos”, de Clint Eastwood - e a adaptação para a TV tem potencial para explorar os temas complexos do romance e alcançar público mais amplo.

Acompanhar uma mãe de meia-idade guerreando com a máfia local para encontrar sua filha provoca certa satisfação, apesar da inverossimilhança e do sadismo que afastam o leitor da protagonista.

Em um mundo em que jovens negros ainda podem ser assassinados por estarem no lado errado da cidade, “Golpe de Misericórdia” é uma obra que entretém, mas não aprofunda as considerações que levanta sobre desigualdade e a interseção entre política, corrupção e drogas.



A partir de ato de resistência contra uma invasão japonesa no século 16, a cidade de Jinju hoje sedia o maior festival de luzes do planeta

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC) bateu seu recorde de público desde sua inauguração em 1996, contando com 50 mil visitantes na exposição “Luzes da Coreia - Festival de Lanternas de Jinju”, em cartaz desde 9 de junho. O recorde anterior era de 20 mil pessoas e, em apenas 1 mês, a mostra mobilizou a população de Niterói, além de visitantes e turistas de outras partes do Estado do Rio para um mergulho na cultura coreana.

Com curadoria da jornalista Ana Cláudia Guimarães, a mostra convida o público para explorar uma das mais populares tradições culturais coreanas a partir da experiência imersiva. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos, transportando os visitantes à famosa cidade de Jinju, que desde 2003 sedia um dos mais tradicionais festivais culturais do país.

O salão principal do MAC foi ocupado por túneis coloridos formados por lanternas de seda originais de Jinju. No fim dos túneis, o público encontra uma enorme lua em 3D, além de instalações, fotos e vídeos da cidade e do Festival Jinju Namgang Yudeung, mostrando a unidade entre a tradição e a contemporaneidade.

Além das lanternas, estão expostos os Hanboks (trajes milena-



Uma tradição iluminada

Exposição ‘Luzes da Coreia’ bate recorde de público de visitas ao MAC em Niterói

res coreanos). A exposição também conta com a presença do mascote de Jinju, a lontra Hamo, de 3 metros de altura.

A tradição das lanternas de seda começou na 1ª Batalha da Fortaleza de Jinjuseong, durante a Guerra Imjin (1592-1598), entre 3,8 solda-

dos do Exército Suseong (Coreia), que protegiam o castelo, e 20 mil soldados japoneses. Os coreanos usaram a lanterna no Rio Namgang em uma noite escura para avistar os japoneses, impedindo-os de cruzar o rio. Além de tática militar, as lanternas também foram usadas para

enviar recados aos familiares fora da fortaleza. Mais tarde, a população da cidade de Jinju começou a lançar lanternas no Rio Namgang para homenagear as almas dos soldados que se sacrificaram, como símbolo de resistência.

A tradição deu lugar ao Festival

Jinju Namgang Yudeung como um evento de destaque na Coreia, que é conhecido internacionalmente e todo ano reúne mais de 2 milhões de pessoas.

A exposição “Luzes da Coreia - Festival de Lanternas de Jinju” foi organizada pelo Centro Cultural Coreano no Brasil, dirigido por Cheul Hong Kim, e da Prefeitura de Jinju.

SERVIÇO

LUZES DA COREIA - FESTIVAL DE LANTERNAS DE JINJU

Museu de Arte Contemporânea - MAC Niterói (Mirante da Boa Viagem, s/nº)

Até 25/8, de terça a domingo (10h às 18h)

Ingressos: R\$ 16 e R\$ 8 (meia)